

# **HORROR VACUI: CARTOGRAFIA E IMAGINAÇÕES ESPACIAIS<sup>1</sup>**

Gisele Girardi<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[gisele.girardi@pq.cnpq.br](mailto:gisele.girardi@pq.cnpq.br)

*A natureza tem horror ao vácuo.*  
Frase atribuída ao filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.)

*No mapa rodoviário não dirigimos fora do mundo conhecido.*  
*No espaço, como eu quero imaginá-lo, poderíamos.*  
Doreen Massey (2008, p.165)

## **PALAVRAS E IMAGENS INICIAIS**

Convidamos, inicialmente, nosso leitor a apreciar as imagens que seguem.



Figura 1

---

<sup>1</sup> Texto desenvolvido no âmbito do estágio de pós-doutoramento, em andamento, na Unicamp (Projeto *A cartografia na geografia contemporânea, um território em desfazimento: estudo de obras de Gilles Deleuze e Felix Guattari em diálogo com imagens cartográficas*).

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa CNPq POESI – Política Espacial das Imagens Cartográficas – Laboratório de Cartografia Geográfica e Geotecnologias da Ufes, integrante do Polo Vitória da rede de pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” – Processo CNPq 477376/2011-8.



Figura 2

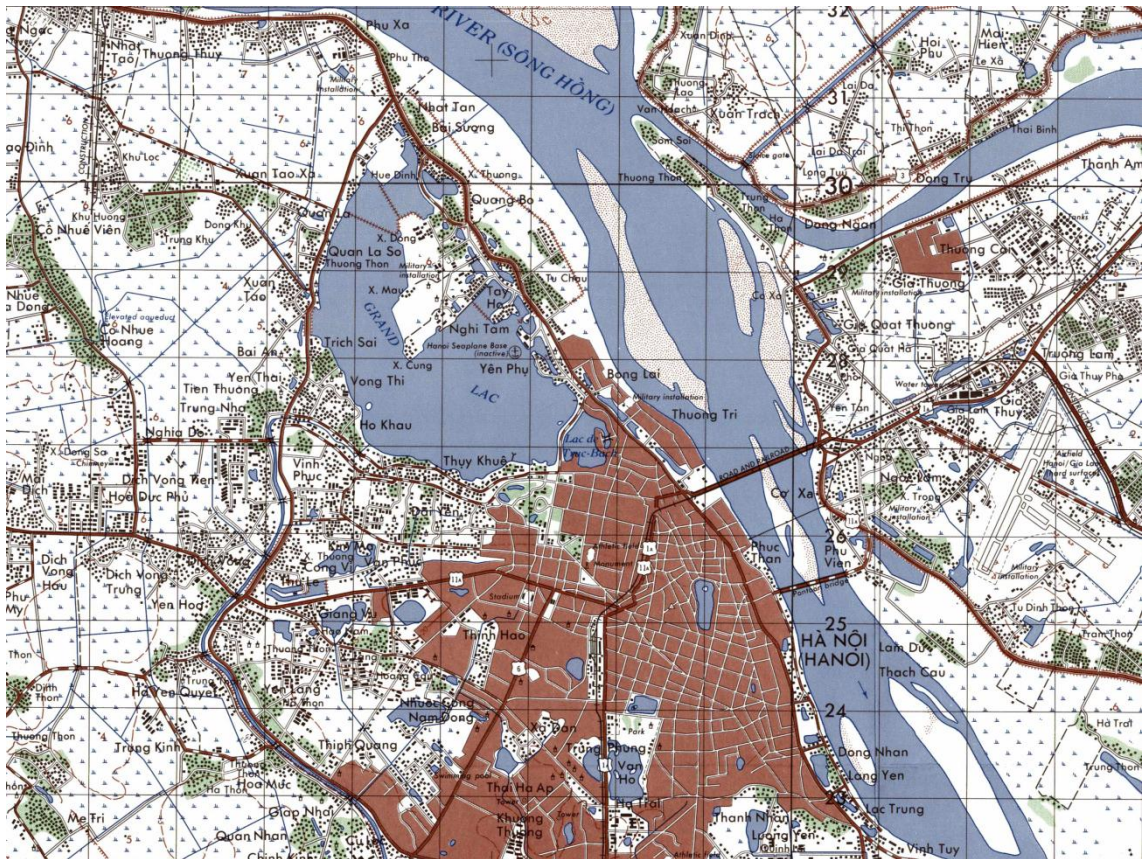


Figura 3

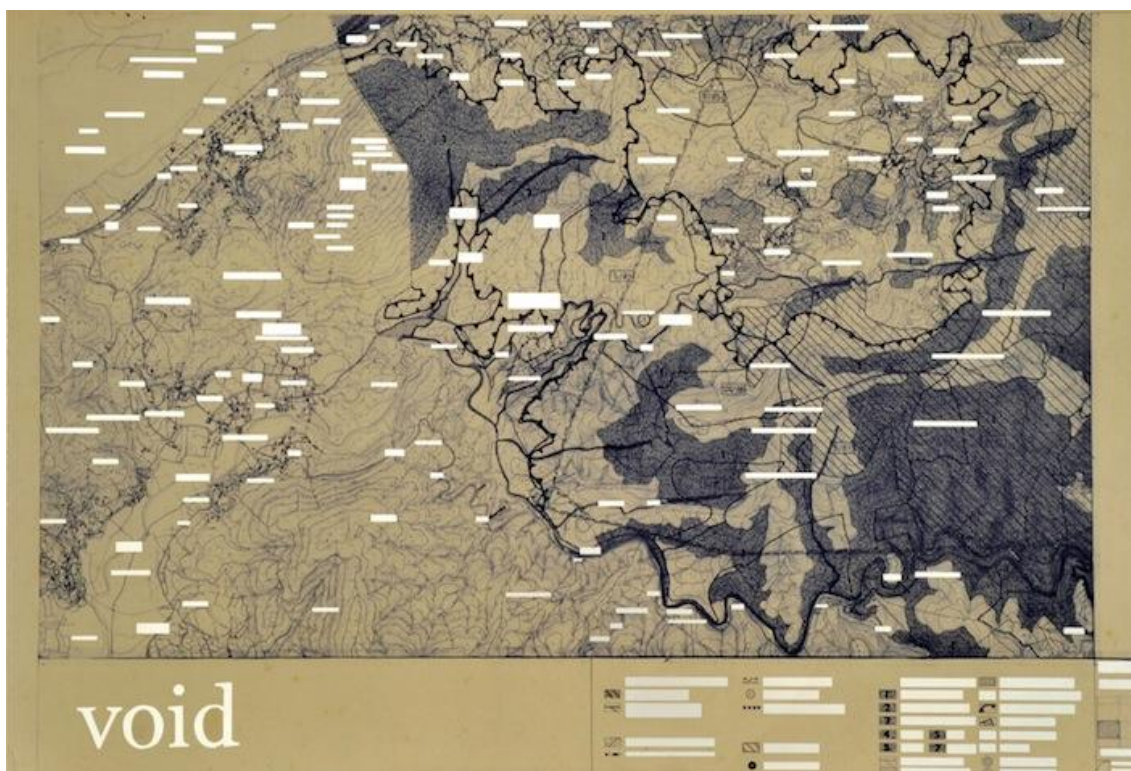


Figura 4

O que temos de semelhanças e diferenças entre as imagens? Sim, todas têm mapas ou pelo menos se associam de algum modo com a imagem de mapa constituída em nossa cultura (e que esses mesmos objetos ajudaram a construir). Elas foram selecionadas e aqui estão para apoiar a argumentação de que os mapas interferem na nossa imaginação espacial e que o *horror vacui* foi fortemente atuante na produção da cartografia ocidental. Se, como diz Massey, “pode bem ter sido que [...] nossa noção de mapa tenha ajudado a apaziguar, a retirar a vida do modo como muitos de nós, mais comumente, pensamos sobre o espaço” (2008, p. 159), problematizar a construção dessa noção constitui-se, apostamos, em uma abertura para, pelos mapas, também devolver a vida para o modo como pensamos o espaço. O que estão, portanto, em jogo, são as imaginações espaciais que os mapas ao mesmo tempo registram e produzem.

### **SOBRE AS IMAGENS**

A figura 1 se refere a um fragmento de uma cópia medieval (Séc. XII) de um mapa feito entre os séculos III e IV, realizado pelo Império Romano. Trata-se de uma folha do registros dos itinerários da tropas romanas, as “vias” que levavam à Roma (Cássia, Flamínia, Ápia, Aurélia, etc.). O formato original dessas rotas ilustradas era de aproximadamente um rolo de pergaminho de 33 cm x 7 metros, correspondendo às terras da Britânia à Índia. O interesse na construção deste mapa pelo Império Romano era o reconhecimento e registro de “seus domínios”. E como as estradas eram as vias para locomoção, são o traço delas que articulam o conteúdo do mapa.

Sobre esta mapa, denominado de “Tábua Peutingeriana”, diz Di Pasquale:

só à primeira vista é apenas um mapa que se limita a mostrar toda rede viária romana; na realidade, até o leitor mais distraído pode aí encontrar uma quantidade de informações sobre cidades, lagos, rios, montes e limites territoriais em plena sintonia com os preceitos dados por Estrabão (c. 63 a. C – *post* 21 d.C.), que chama à geografia uma

forma de conhecimento não teórico mas, pelo contrário, útil e prático ao serviço do homem de governo (DI PASQUALE, 2011, p. 453).

A figura 5 traz uma imagem da mesma folha da figura 1, redesenhada no século XIV, um detalhe de Roma onde se vê as rotas que de lá partiam e lá chegavam e um índice geral do referido mapa, indicando os locais mapeados. A espacialidade na qual este mapa se ancora é aquela da experiência direta, da correspondência entre aquilo que sequencialmente se dispõe no mapa e o que, no plano extensivo do terreno, irá se encontrar sucessivamente. Uma perspectiva funcional, não de localização e orientação precisas, mas de eficiência no deslocamento extensivo. “Um movimento transforma-se numa linha estática” (MASSEY, 2008, p. 162).

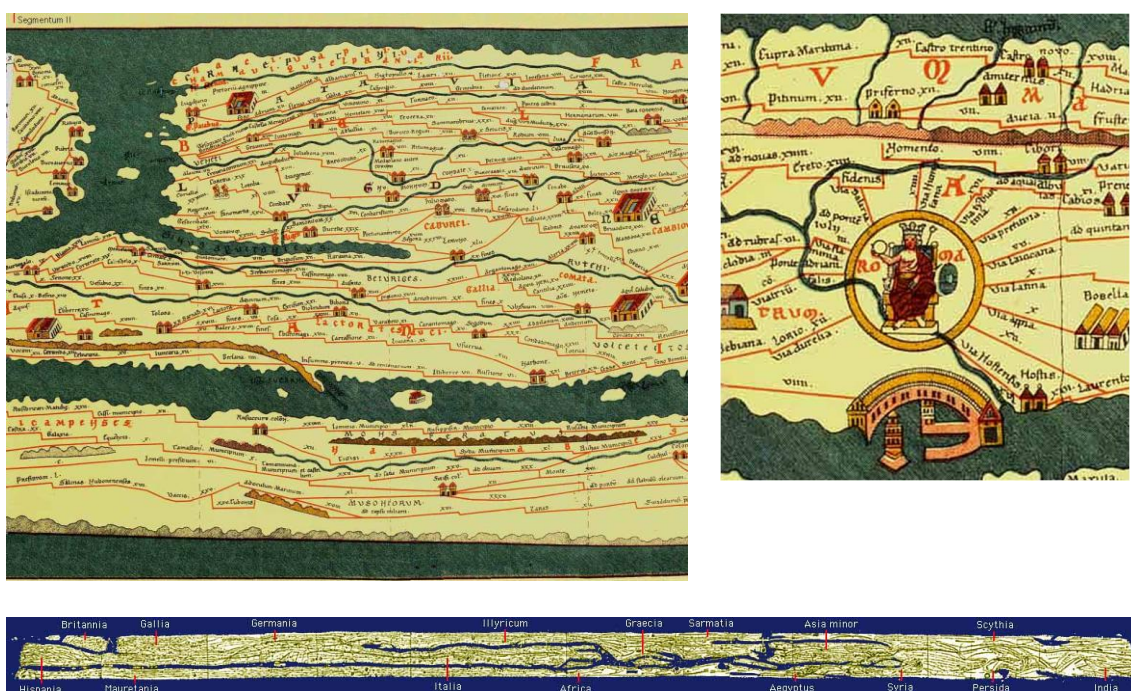


Figura 5

Fonte: [http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost03/Tabula/tab\\_pe00.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost03/Tabula/tab_pe00.html)

A Figura 2 é um fragmento do Atlas Catalão, atribuído a Abraham Cresques e com data estimada de 1375. É considerado uma produção da “Escola cartográfica maiorquina”, como uma destilação “entre duas tradições de mapeamento, o alegórico Mappamundi do século XIII e a acurácia geográfica das cartas portulanas do século XIV” (HOLAND, 2010, p. 4).

A ilha Maiorca, na costa mediterrânea da Espanha, configurava-se na Idade Média como um local de intercâmbio entre povos da Europa, do oriente e do norte da África, por meio de seus navegadores/comerciantes. Era considerada o primeiro ponto de contato com o Islã. O Atlas Catalão é o primeiro exemplar de atlas a utilizar rosa dos ventos, tributário da navegação por bússola e embrionário das técnicas que sustentaram as Grandes Navegações.

Observa-se neste mapa um grande detalhamento nas áreas costeiras, o que é natural, considerando-se o contexto de navegação, e nas áreas interiores ornamentos e textos a dizer das especificidades regionais.

Enquanto a Tabua Peutingeriana é construída a partir da experiência do deslocamento (daí seu formato de um comprido retângulo, no qual as posições absolutas

não são relevantes, tal como um esquema de linha de metrô), o Atlas Catalão traz contornos terrestres aproximadamente em suas posições absolutas e o excessivo detalhamento das zonas costeiras faz aparecer grandes vazios no mapa, preenchidos pelos ornamentos.

A partir das Grandes Navegações, no século XV, estes vazios no mapa passam a constituir uma questão para os cartógrafos.

Além de seu caráter ornamental, cartografia do Quinhentos ainda sofre duma fobia então disseminadíssima na cultura do Ocidente: uma fobia filosófica, *o horror vacui*, que se manifesta da arquitetura à pintura, do laboratório do sábio à oficina do artesão. Para a cartografia, a arte de dizer com precisão onde as coisas estão e, nesse momento, também como são, a confissão de ignorar trechos do globo equivale, em certa medida, a reduzir a própria credibilidade do cartógrafo: um espaço em branco nos extremos do Atlântico Sul faz o especialista equiparar-se ao leigo, que igualmente ignora o que se esconde por ali... (FERREIRA, 2009, p. 09).

Num contexto de consolidação dos estados nacionais, domínio e controle do território ocupavam prioridades na pauta do Estado. Soma-se a isto que o desenvolvimento das relações capitalistas prescinde do conhecimento de recursos e potencialidades dos territórios e que também neste contexto a física, com Descartes, nega a existência do espaço vazio e valoriza a concepção absoluta do espaço.

A matemática, no âmbito da Revolução Científica, tornou-se a língua da ciência. É neste contexto que emergiu a projeção de Mercator, que marcou uma ruptura significativa com a prática cartográfica de então, pois foi constituída a partir de um raciocínio matemático abstrato e não a partir de uma experiência direta, como era o caso dos portulanos. A projeção cartográfica de Mercator também foi fruto de um contexto de expansão comercial (Mercator é a alcunha de Ghérard Kramer, que significa “mercador”) e atendeu a uma necessidade prática da navegação, que era a base da formação do capitalismo mercantil. Este é um exemplo da racionalidade como meio de solução de problemas que se inaugurava naquele contexto.

Houve, integrado e paralelamente, modificações profundas nas artes visuais. É quando se estabelece a perspectiva como regime de visão, no qual uma grade quadriculada se interpõem entre o olho do pintor e o objeto a ser pintado (paisagem, pessoas, natureza morta), simulando a profundidade ou a tridimensionalidade da visão humana no plano. O realismo buscado pela arte renascentista, que se desdobrava na possibilidade da captura da verdade, também compõe este contexto. Lukinbeal (2010) apontou que o reatamento disso na cartografia é o regime de visão projecionista, também uma captura para o plano mas com o “truque o olho de Deus”, ou seja, a visão ortogonal e onipresente, ubíqua, que começou a se firmar também neste momento, articulada com a retomada da ideia ptolomaica. Os mapas de então intercambiavam conhecimentos sobre os lugares que estavam sendo “descobertos”, e as diversas partes da superfície da Terra foram sendo nomeadas, conhecidas e descritas (isto, evidentemente, numa perspectiva europeia).

A consolidação dos estados nação e a emergência da propriedade privada fizeram surgir novos tipos de mapa, embrionários do que hoje denominamos mapas cadastrais. A necessidade de aumento de precisão na demarcação dos limites das terras crescia na medida em que estas se valorizavam. A demanda pelo conhecimento dos recursos do território pelo estado desdobrou-se na invenção de cartas topográficas, tributárias da racionalidade geométrica (medições, triangulações, etc.). A cartografia

moderna portanto é marcada por todos estes atravessamentos, ou como diz Latour (1994), constitui-se nesta rede sociotécnica. É antes no mapa do que no terreno o estriamento do espaço pelo Estado (Deleuze e Guattari, 1997).

A carta topográfica é, com efeito, um signo do *gênio* cartográfico da modernidade, tendo se tornado uma espécie de “medida padrão” para a cartografia. Precisão na orientação e na localização coadunada com a espacialidade absoluta. É a isso que se refere a figura 3.

Na figura 3 é apresentado um fragmento de uma carta topográfica de Hanói, no Vietnã, na escala original de 1:50.000, produzida em 1984 pelo Defense Mapping Agency – Hydrographic/Topographic Center, Washington/D.C. A semelhança entre esta carta topográfica e as da série “Cartas do Brasil”, do IBGE são imensas. Qualquer um que tenha rudimentos de leitura de cartas topográficas no Brasil, por exemplo, lê a carta topográfica do Vietnã sem maiores dificuldades (a estrutura e a estética do mapa são igualmente correspondentes, conforme a figura 6).

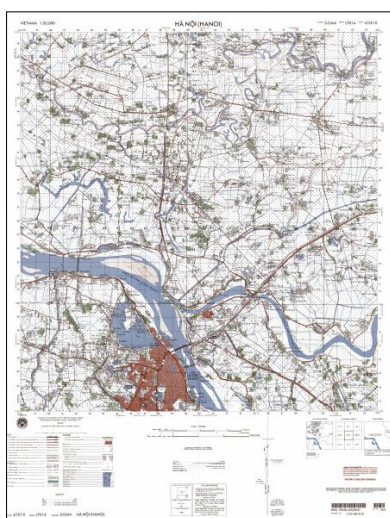


Figura 6

Pode-se argumentar que, afinal, trata-se de um acordo internacional e de cooperação para o levantamento dos territórios dos países. É isso, mas também é um esforço homogeneizante de imaginação espacial. Nas cartas topográficas o *horror vacui* está resolvido. Há áreas em branco, mas não há vazios. Há silêncios (HARLEY, 1988), mas não há vazios. Tudo está significado, tudo é funcional.

### **HORROR VACUI**

Se tomamos o *horror vacui* como expressão a articular pensamentos sobre a cartografia é porque nosso objetivo é, primeiro, tentar vislumbrar como não cair ou como sair “das armadilhas do mapa” (MASSEY, 2008, p. 159), ou como fazer com que os mapas sejam também expressões do espaço aberto, em devir. A autora cita como potência neste âmbito as cartografias situacionistas que “buscam *desorientar*, *desfamiliarizar*, *provocar* uma visão a partir de um ângulo inusitado. [Onde há] *exposição*, em vez de *occlusão*, das rupturas inerentes ao espacial [...] uma arena de possibilidades” (Ibid, p. 162).

O *Guide Psychogeographique de Paris* de Gui Debord (Figura 7) é um exemplar da cartografia situacionista citada por Massey. Nele, fragmentos de um mapa de Paris

foram recortados (a partir de uma seleção afetiva do autor) e conectados por setas vermelhas. Não há *horror vacui* nesta cartografia, mas intensidades de desejos e afetos.

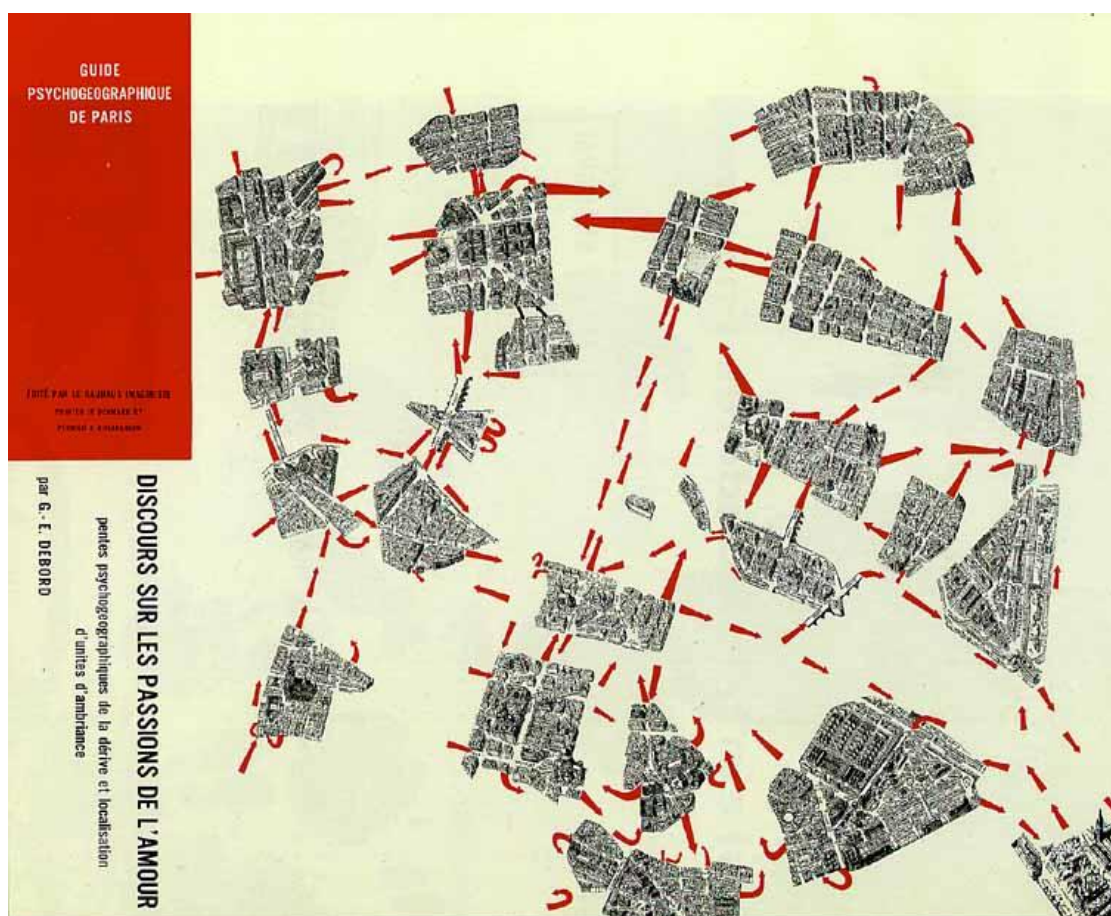


Figura 7

Um tipo de produção inversa aparece na figura 4. Assim como no caso do mapa dos situacionistas, muitos não chamarão tais imagens de mapa. É, mas não é... Hesita entre ser e não ser um mapa. Por que? Porque deslocam o sentido cultural longamente construído na cultura do ocidente acerca de mapas. Estes mapas não funcionam para o Estado e para o capital. Não permitem controle, não permitem domínio. Não orientam e nem localizam no espaço absoluto.

A figura 4 é uma obra do artista plástico Marcelo Moscheta, denominada *Void*. Em entrevista pessoal<sup>3</sup>, o artista declarou que só muito recentemente entendeu que mapas seriam interpretações sobre lugares e não os lugares traduzidos no papel, e que isso o instigou a criar a partir de mapas. Em *Void*, a criação da obra implica em recortar de uma cópia heliográfica de um mapa todas as denominações, os topônimos, os textos de legenda, título, etc. O mapa é colado em uma superfície metálica e, portanto, reflete a imagem do observador da obra.

Ao fazer isso, Moscheta instaura o olhar para o mapa de “um ângulo inusitado”: desorienta, porque cala o mapa ao eliminar-lhe as denominações, desfamiliariza o leitor com o sentido de mapa já-dado e o faz parte do mapa, o faz entrar no mapa por meio de

<sup>3</sup> Entrevista realizada por Gisele Girardi e Wenceslao Machado de Oliveira Júnior, em 25 de outubro de 2013, no ateliê do artista em Campinas-SP.

fragmentos de reflexos seus. Permite ao leitor habitar o mapa e quiçá provoque imaginações outras sobre estar no mundo.

## **PALAVRAS FINAIS**

O grande desafio para a cartografia geográfica contemporânea, em nosso entender, é participar da construção de outras imaginações espaciais. Não se está defendendo que os mapas convencionais, baseados na espacialidade absoluta, devam ser abolidos. Ao contrário, Debord, Moscheta e outros artistas de mapas nos provocam a pensar nos deslocamentos de sentidos destes mapas convencionais a partir da instauração do vazio, do vácuo na imagem-mapa-matéria prima de suas obras, substituindo algumas de suas normas (a posição absoluta, no caso de Debord e os escritos, no caso de Moscheta), sem o risco do *horror vacui*, para que possamos nos deslocar fora do mundo já-conhecido.

## **REFERÊNCIAS**

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. 240p.
- DI PASQUALE, Giovanni. A imagem da Terra. In: ECO, Umberto (org.). **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Alfragide: Ed. D. Quixote, vol. 1., p. 450-453, 2011.
- FERREIRA, Álvaro Mendes. Abstração espacial e a cartografia na Idade Moderna. In: III SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Ouro Preto, 10 a 13 de novembro, 2009. 15 p.
- HARLEY, John Brian. Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe. **Imago Mundi**, Vol. 40, p. 57-76, 1988.
- HOLAND, Kathleen. Looking Beyond: globalization in the *Catalan Atlas* of the Fourteenth Century. In: FIFTH ANNUAL GRADUATE STUDENT SYMPOSIUM: Language and Communication in the Middle Ages. University of North Texas, Denton, 4-5 February, 2010. 48 p.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34. , 1994.
- LUKINBEAL, Chris. Mobilizing the Cartographic Paradox: Tracing the Aspect of Cartography and Prospect of Cinema. **Educação Temática Digital**, v. 11, n. 2, p. 1-32, 2010.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA JR., Wenceslão Machado de. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, n.12, p. 01-49, 2012.

### **Sites na Internet consultados:**

[http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost03/Tabula/tab\\_intr.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost03/Tabula/tab_intr.html)  
<http://www.marcelomoscheta.art.br/>  
<http://www.lib.utexas.edu/maps/jog/vietnam/>  
<http://expositions.bnf.fr/ciel/catalan/>  
<http://imaginarymuseum.org/LPG/Mapsitu1.htm>